

A cobertura do Campeonato Mundial Amador em *Surfing* (1978-1990)

Coverage of World Surfing Championships in *Surfing* magazine, 1978-1990

RAFAEL FORTES

Doutor em Comunicação pela UFF. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Jovem Cientista do Nosso Estado (2015-2017) da Faperj e coordenador (2017-2018) do grupo de pesquisa Comunicação e Esporte da Intercom. Brasil. E-mail: raffortes@hotmail.com

Edição v.36
número 2 / 2017

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 36 (1)
ago/2017-nov/2017

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FORTES, Rafael. A cobertura do Campeonato Mundial Amador em Surfing (1978-1990). Contracampo, Niterói, v.36, n. 02, pp. 174-199, ago. 2017/nov. 2017

Enviado em: 28 de abril de 2017 / Aceito em: 22 de junho de 2017

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i2.955>

Resumo¹

Este artigo analisa edições da revista *Surfing* entre os anos de 1978 e 1990 com dois objetivos. Primeiro, traçar um panorama da cobertura dos campeonatos mundiais amadores de surfe entre 1978 e 1990. Segundo, analisar a cobertura da participação da África do Sul em 1978 e da não participação do país em campeonatos mundiais amadores entre 1980 e 1990. O *corpus* é composto pelas edições da revista publicadas no intervalo de anos indicado. A metodologia segue os procedimentos sugeridos por Luca (2005) para a pesquisa histórica que tem como fonte e objeto os impressos, combinados com a perspectiva de defendida por Booth (2008). Quanto ao primeiro objetivo, as coberturas enfatizam os aspectos efetivamente competitivos, como o desempenho dos atletas e das equipes, sobretudo do EUA. No que diz respeito ao segundo objetivo, na maioria dos casos a ausência da África do Sul foi silenciada.

Palavras-chave

esporte; mídia; revista; boicote; Estados Unidos da América.

Abstract

This paper examines issues of *Surfing* magazine from 1978 until 1990. It has two aims. Firstly, to provide an overview of World Surfing Championships coverage in *Surfing* magazine between 1978 and 1990. Second, to address specifically the coverage of the participation of South Africa in 1978 and the non-participation between 1980 and 1990. The corpus consists of issues of the magazine published between the years mentioned above. The methodology follows the procedures suggested by Luca (2005) for historical research that has printed periodicals as both source and subject, combined with the perspective set forward by Booth (2008). As for the first aspect analyzed, the coverage emphasizes competitive aspects, such as the performance of athletes and teams, especially the USA's. Concerning the second aspect, in most cases the absence of South Africa was silenced.

Keywords

sport; media; magazine; boycott; United States of America.

¹ Este artigo é uma versão ampliada e revista de comunicação apresentada no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e integra pesquisa de pós-doutorado realizada no Departamento de História da University of California, San Diego (UCSD), nos Estados Unidos. Os exemplares de *Surfing* foram consultados nos acervos da Special Collections and University Archives da San Diego State University (SDSU) e do California Surf Museum.

Introdução

Em 1978, a cidade de East London, na África do Sul, recebeu o Campeonato Mundial de Surfe Amador. A trajetória até a realização do evento foi difícil: não houvera um campeonato do gênero desde 1972 e a entidade responsável pelos anteriores, a International Surfing Federation (ISF), deixara de atuar.² A retomada dos campeonatos mundiais contou com a participação ativa de Basil Lomborg, dirigente sul-africano que liderou o movimento de criação de um novo órgão para supervisionar o surfe amador internacional, agregando as confederações nacionais, e organizar a competição (HOLMES, 1981).³ Exceto pelo boicote da seleção australiana, o campeonato foi realizado aparentemente sem problemas.

No cenário esportivo internacional, ao final da década de 1970 a África do Sul encontrava-se afastada da maioria das competições, como resultado de um boicote⁴ estabelecido por governos nacionais e entidades esportivas que atingiria o auge durante os anos 1980. O país fora expulso do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1970, tendo feito sua última participação em Jogos Olímpicos em 1960 (Booth, 1998).

Este trabalho integra uma pesquisa cujo objetivo é analisar as representações construídas em revistas de surfe dos EUA em torno da relação entre a modalidade e o boicote esportivo à África do Sul. Parte-se da premissa de que o surfe ocupou um espaço bastante peculiar em relação ao boicote internacional, pois, entre a criação do Circuito Mundial profissional, em 1976, e a suspensão do boicote pela maioria das entidades esportivas internacionais, em 1991, em todos os anos foi realizada ao menos uma etapa no país e a participação de atletas sul-africanos foi constante. O foco deste artigo no âmbito amador se explica pela escassez de investigações a respeito. Entre as pesquisas que abordam revistas de surfe no período, nenhuma se dedica ao tema. Mesmo nos raros trabalhos que abordam o surfe e o boicote esportivo ao país, pouca (THOMPSON, 2015) ou pouquíssima (LADERMAN, 2014) ênfase é dada ao surfe amador e aos campeonatos mundiais da categoria.

O primeiro objetivo deste artigo é traçar um panorama da cobertura dos

² Desconheço a existência de trabalhos que descrevam e analisem o ocaso da ISF. Warsaw (2003, p. 291-2) credita a desestruturação da ISF após o campeonato de 1972 a um conjunto de fatores, entre eles a falta de prêmios em dinheiro e o desinteresse pelo evento. INTERNATIONAL Surfing Federation (ISF).

³ As referências relativas às fontes e à bibliografia científica estão todas ao final por determinação dos editores de *Contracampo*.

⁴ Por "boicote", refiro-me a um conjunto de medidas, que incluem pressões pela não participação de atletas e equipes da África do Sul em competições no exterior e/ou pela não realização de eventos no país. Em muitos casos, tais pressões incluíram ameaças de não comparecimento de países ou blocos de países caso um determinado evento tivesse participação de delegação representando a África do Sul.

campeonatos mundiais amadores na revista *Surfing* entre 1978 e 1990. O segundo é analisar a cobertura da participação da África do Sul em 1978 e da não participação entre 1980 e 1990. Para tanto, analisa um *corpus* constituído por todas as edições do periódico publicadas no intervalo de anos indicado. Do ponto de vista metodológico, a descrição e análise seguem os procedimentos sugeridos por Luca (2005) para a investigação histórica que tem como fonte e objeto os impressos. A perspectiva de análise aproxima-se da defendida por Booth (2008), “uma abordagem analítica de baixo para cima [ou seja, a partir das fontes], que considera a revista em seus próprios termos”, articulando-a com o contexto em que é produzida e circula (p. 20).⁵

* * *

Criada em 1964 com o título *International Surfing*, *Surfing* “emergiu de um monte de revistas de surfe sediadas no Sul da Califórnia no início e meados dos anos 1960” para tornar-se, na década seguinte, uma das duas – sendo *Surfer* a outra – que dominaram o mercado nos EUA entre aquele período e o presente (WARSHAW, on-line). Começou como bimestral e mudou algumas vezes de perfil, de proprietário e de sede ao longo dos anos 1960 e 1970⁶. Além do mercado estadunidense, onde tinha ampla circulação, estabeleceu-se como uma das três principais publicações de surfe do mundo. Circulou em todos os continentes e teve influência mundial. A venda em banca de seus exemplares (ou a mera possibilidade de sua chegada) criava expectativas em diversas cidades, inclusive do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo (FORTES, 2011; BRANDÃO, 2014; MÍDIAS, 2014). Deixou de circular no início de 2017. Em 2001, após aquisições envolvendo grupos editoriais que compraram uns aos outros, *Surfing* passou a ser propriedade da mesma empresa (Primedia) que publicava sua principal concorrente, *Surfer*; “em 2013, *Surfing*, *Surfer* e *TransWorld Surf*, as três maiores revistas da modalidade, eram propriedade da mesma empresa, Source Interlink Media” (WARSHAW, on-line; PIERSON, 2017). Passaram por ela cronistas (como Drew Kampion e Nick Carroll) e fotógrafos (como Don James e Dan Merkel) que se tornariam referências na subcultura do surfe (FORTES, 2011; BRANDÃO, 2014; MÍDIAS, 2014). Contava com textos, colunas e reportagens escritos por surfistas profissionais. Alguns, como

⁵ Todas as traduções de trechos das fontes e da bibliografia em inglês foram realizadas por mim.

⁶ Durante a maior parte dos anos 1970, *Surfing* foi bimestral. No corpo do texto, por uma questão de fluência, optei por mencionar apenas um mês, sempre o primeiro do bimestre – as referências completas são encontradas no fim do texto. Quanto ao período propriamente dito de circulação, é difícil sabê-lo com precisão para cada edição. Parece-me que cada edição chegava às bancas aproximadamente no início do bimestre anterior ao da data que aparecia no expediente. Por exemplo, anunciou-se que a edição de outubro-novembro de 1976 estaria “à venda em 3 de agosto” (SURFING, ago-set 1976, p. 118).

Peter Townend e o sul-africano Michael Tomson, passaram a integrar o expediente.

Surfing colocava-se como *apolítica*, o que constitui outra razão para sua escolha como objeto empírico, como se verá adiante no artigo. Ademais, ela apresentava a si mesma como “a melhor em cobertura séria de campeonatos profissionais” e “a fonte confiável sobre o que está acontecendo no dinâmico mundo do surfe profissional”, que constituía seu foco (WARSHAW, on-line; SURFING, mai. 1982, p. 12).

Não obstante, em outubro de 1980, a publicação afirmava um compromisso com o surfe amador:

1964 foi um ano brilhante para o mundo do surfe. Aquele ano testemunhou não apenas a primeira edição da revista *Surfing*, mas o Campeonato Mundial de Surfe Amador também foi realizado pela primeira vez. A revista *Surfing* tem sido uma defensora do surfe amador desde o início, e este ano não será diferente, quando o 8º. Campeonato Mundial de Surfe começar (...) ⁷ (AT RANDOM, 1980, p. 27).

De fato, ela dedicava espaço a este âmbito do surfe: regularmente perfilava jovens surfistas e publicava o resultado de competições. Mas, no que diz respeito às fotos, elemento mais valorizado das revistas de surfe, relativamente poucas eram de surfistas amadores (e da faixa etária que predomina nas competições da categoria, abaixo de 20 anos). Independentemente do espaço dedicado aos competidores não profissionais, a valorização do evento em questão aparece em diversos momentos, como neste editorial de 1988: “(...) o Campeonato Mundial bianual de surfe amador sempre foi considerado um dos eventos mais espetaculares do esporte” (VARNES, 1988, p. 48). Os elogios e a relevância atribuída ao evento constituem um terceiro fator que justifica o foco na publicação neste artigo.

O Campeonato Mundial de Surfe foi um evento “(...) realizado em diferentes locais ao redor do mundo entre 1964 e 1994 (...)” (WARSHAW, 2003, p. 710-11). Entre 1964 e 1972, ele era o mais importante do esporte, foi organizado pela ISF⁸ e admitia a participação de profissionais.⁹ Após um hiato durante os anos 1970, uma nova entidade, a “International Surfing Association (ISA) foi formada em

⁷ 1964 was a stellar year for the surfing world. Not only did that year witness the, first issue of SURFING Magazine published, but the World Amateur Surfing Championships also held their inaugural contest. SURFING Magazine has been an advocate of amateur surfing since the beginning, and this year is no different, as the 8th World Championships of Surfing get underway (...). AT Random. *Surfing*, v. 16, n. 10, out. 1980, p. 27.

⁸ Exceto pelo de 1964 (WARSHAW, 2003, p. 710-11).

⁹ O conceito de *profissional* é tão importante quanto pouco discutido e problematizado nos estudos do esporte no Brasil (à exceção de alguns trabalhos sobre futebol nas quatro primeiras décadas do século XX). Refiro-me aqui à participação de surfistas que recebiam prêmios em dinheiro em outros campeonatos e/ou contavam com alguma forma de patrocínio ou ajuda financeira. O Campeonato Mundial não distribuía prêmios em dinheiro, mas medalhas e troféus.

1976, ocupando o lugar da ISF, para prover uma estrutura mais ou menos consistente de Campeonatos Mundiais” (WARSHAW, 2003, p. 291-292). Ainda de acordo com a *Encyclopedia of Surfing*, o certame “foi oficialmente denominado Campeonato Mundial de Surfe Amador entre 1978 e 1994, para deixar clara a distinção em relação ao circuito mundial profissional fundado em 1976.”¹⁰ Retomado com um evento de pequena escala em 1978, “o campeonato cresceu nos anos que se seguiriam, e em 1988, os surfistas competiram nas divisões masculina, masculina júnior, feminina, *longboard*, *bodyboard* e *kneeboard*, assim como na pontuação geral por equipes” (WARSHAW, 2003, p. 710-11).

O Campeonato Mundial Amador buscava se aproximar dos eventos olímpicos. Havia cerimônias de abertura e de encerramento, nas quais as delegações desfilavam com um atleta à frente carregando a bandeira do país. O certame fez parte dos esforços da ISA evidenciar que o esporte está presente em numerosos países de diferentes continentes – tarefa complicada, considerando-se a pouca ou nenhuma penetração, durante o século XX, na maioria dos países da África, Ásia e Europa. “A ISA tornou-se membro da General Assembly of International Sports Federations em 1987, tornando-a um passo mais próxima da aprovação para os Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico Internacional” (WARSHAW, 2003, p. 291). Em 1995, ela foi reconhecida pelo COI como o órgão que governa os esportes sobre ondas (50TH, [s.d], on-line).¹¹

Em revistas e filmes de surfe, assim como em livros escritos por surfistas e/ou jornalistas, são comuns referências aos vencedores até 1972 como simplesmente *campeões mundiais*, sem a adjetivação de *amadores* que seria adotada em 1978. Para um jornalista de *Surfing*, o evento era relevante sobretudo pela oportunidade de reunir pessoas envolvidas com o esporte em diferentes países para intercâmbio de informações – algo difícil até meados dos anos 1990, antes do advento da internet (HOLMES, 1981, p. 62).

Feita esta breve apresentação de *Surfing* e do Campeonato Mundial Amador, passo à análise da cobertura de 1978 a 1990.

Os Campeonatos Mundiais de Surfe Amador em *Surfing*

Conforme apontado no parágrafo inicial, Basil Lomborg, presidente da South African Surfriders’ Association (SASA), foi um importante articulador para a

¹⁰ De acordo com Warshaw (2003), “o Campeonato Mundial de Surfe Amador foi substituído em 1996 pelos Jogos Mundiais de Surfe” (p. 710-11).

¹¹ Em 1988, uma nota afirmava que “(...) o esporte (...) tem uma grande chance de fazer parte da Olimpíada de 1996” (VARNES, 1988, p. 85). Em agosto de 2016, o COI anunciou o surfe e o skate entre as cinco modalidades incluídas nos Jogos Olímpicos de 2020, agendados para Tóquio (IOC, 2016).

fundação da ISA e a retomada dos mundiais amadores (THOMPSON, 2015). Isto constitui uma das evidências do quanto o surfe competitivo se distanciava da posição da maioria das entidades esportivas em relação ao boicote. Enquanto em outras modalidades as confederações sul-africanas e seus representantes estavam banidos, suspensos ou haviam sido expulsos, no surfe não apenas o campeonato foi realizado no país, mas o presidente da SASA articulou a criação da entidade e foi eleito presidente, ocupando o cargo por quatro anos (1976-1980) (WARSHAW, 2003, p. 291). Durante o período, a África do Sul foi também sede da ISA, segundo a determinação de que “o escritório-sede da organização ficaria localizado no país de quem estivesse cumprindo o mandato de presidente da ISA”.¹²

Na edição de outubro de 1978, uma nota afirmava que “haverá ao menos cinco países representados no” 7º. Campeonato Mundial de Surfe Amador, previsto para ocorrer entre 3 e 24 de julho em Nahoon Reef (África do Sul) e parabenizava os escolhidos para representar os EUA (SURFING, out.-nov. 1978, p. 34). Diferentes fontes apontam as limitações da competição de 1978. De acordo com a *Enciclopédia do Surfe*, “seis países competiram num Campeonato Mundial de Surfe pequeno e com duração de um dia” (WARSHAW, 2003, p. 291). O preço alto das passagens aéreas desde diversos países¹³ até a África do Sul e o próprio fato de o país ser a sede (considerando-se as articulações internacionais antiapartheid) provavelmente dificultaram o comparecimento de atletas e seleções. Contudo, desconheço fontes ou pesquisas a respeito.

Do ponto de vista organizacional, refundou-se praticamente do zero uma federação internacional num momento tumultuado do cenário do surfe profissional, em que o iniciante circuito da International Professional Surfers (IPS) enfrentava resistências e divergências (BOOTH, 2001). Houve uma preocupação com relação a como reagiriam os envolvidos com o profissionalismo. De acordo com texto de um dos principais dirigentes da IPS, um ponto de pauta da primeira assembleia da entidade era “distinguir e separar profissionais e amadores”, sendo que os últimos poderiam “competir no 7º. Campeonato Mundial de Surfe Amador, reconhecido pela ISA, previsto para a África do Sul”. O artigo acrescentava que “o diretor executivo da IPS, Sr. Fred Hemmings, disse: ‘O conselho diretor da IPS está comprometido com o reconhecimento de uma associação amadora forte. Apoiamos 100% a recém-formada ISA’” (RARICK, 1977, p. 21).

Pelo que se pode perceber, os dirigentes da ISA consultaram os da IPS,

¹² Desconheço fontes ou pesquisas que expliquem tal medida. Considero que, dada a escassez de recursos, a saída mais prática (e talvez a única viável) tenha sido um rodízio entre as federações, com o presidente e a entidade local (nacional) acumulando a infraestrutura, as tarefas e os custos de manter a ISA em funcionamento. Trata-se de uma questão a investigar (WARSHAW, 2003).

¹³ Como se verá adiante, à época as principais seleções eram Austrália, Estados Unidos e Havai – todos situados a milhares de quilômetros da África do Sul.

com, ao menos, dois propósitos: estabelecer critérios que separassem os dois âmbitos do esporte; e obter apoio dos organizadores do circuito profissional, que naquele momento ganhava força e visibilidade. O prognóstico para 1977 era otimista:

Com o surfe profissional entrando, o circuito de 1977 com premiação muito superior a US\$ 100.000 e os amadores vislumbrando o prestígio do Campeonato Mundial, o surfe está se movendo adiante num ritmo impressionante. O público em geral agora pode atribuir ao surfista profissional a aclamação merecida por qualquer esportista com similar status¹⁴ (RARICK, 1977, p. 21).

Durante o período de pesquisa pós-doutoral na Califórnia, entrei em contato com a ISA, interessado em documentos (como atas e minutas de reuniões; e cartas trocadas com federações) que tratassem da discussão em torno do boicote e da participação da SASA e/ou de equipes e atletas que representavam a entidade. Afirmei que a África do Sul não competira no período indicado devido ao boicote, e que estava interessado em fontes relativas às disputas e negociações que levaram à decisão final em cada Mundial. Eis a resposta:

Com base nas informações que tenho, não posso passar à conclusão de que a África do Sul não competiu devido ao apartheid. Muitos países não conseguem enviar uma equipe porque simplesmente não há recursos. Infelizmente, de fato não há quaisquer documentos para sustentar ou negar tais alegações.¹⁵

De acordo com a ISA,¹⁶ as informações existentes sobre a participação da equipe sul-africana nos Campeonatos Mundiais entre 1978 e 1990 são as seguintes:

Tabela 1: Campeonatos Mundiais e participação da África do Sul

Ano	Participação da África do Sul	Sede
1978	Campeã	África do Sul
1982	Não competiu	Austrália
1984	Resultados indisponíveis	Califórnia
1986	Não competiu	Inglaterra

¹⁴ With professional surfing entering the 1977 circuit with well over \$100,000 in prize money and the amateurs looking forward to the prestige of the World Championships, surfing is moving ahead at a tremendous pace. The general public is now in a position to acknowledge the professional surfer the acclaim due any sportsman of similar status (RARICK, 1977, p. 21).

¹⁵ Troca de e-mails realizada entre 16/5/2016 e 18/5/2016 com Evan Quarnstrom, coordenador de Mídia e Marketing da ISA, a quem agradeço pelas informações.

¹⁶ Idem.

1988	Não competiu	Porto Rico
1990	Não competiu	Japão

Duas observações sobre estes dados: a) A lista da entidade pula o campeonato de 1980, realizado na França;¹⁷ b) Não há registro dos resultados do campeonato de 1984, realizado no Sul da Califórnia, região onde hoje se localiza a sede da entidade. Não consegui informações ou explicações a respeito destas lacunas, assim como desconheço a data em que a ISA estabeleceu-se definitivamente no estado (e se está na mesma sede e em La Jolla deste então). Provavelmente o sistema de sedes itinerantes contribuiu para espalhar e dificultar o acesso à documentação.

* * *

A cobertura do Mundial de 1978 restringiu-se a um terço de página, numa seção de assuntos diversos. Sob o título “Campeonato Mundial Relançado”, abordou o desempenho de alguns atletas, a realização de um campeonato júnior à parte e os resultados de ambos (WORLD, 1978-1979, p. 31). Informou que o vencedor individual fora um sul-africano, mas não que o país também conquistara o título por equipes. Segundo o texto, havia “representantes de todas as grandes nações do surfe (exceto a Austrália, que retirou-se devido a considerações políticas)”. Além do país-sede, identifiquei a participação de EUA, Porto Rico e França.¹⁸

Por um lado, menciona-se a ausência australiana, ainda que sem se especificar o motivo ou mencionar as palavras boicote e apartheid. Por outro, a afirmação de que fora a única equipe forte a não comparecer pode sugerir que o campeonato contara com contendores de qualidade e representativos, sendo, portanto, relevante. De qualquer forma, o foco do curto texto encontra-se no âmbito competitivo; a política aparece de passagem, para justificar uma ausência notável. A visão que predomina é a do campo esportivo como algo distinto e separado do campo político.

As avaliações a posteriori sobre o certame variam. A *Encyclopedia of Surfing* afirma que ele “praticamente não foi notado: apenas 48 surfistas de seis países competiram num (...) campeonato de um único dia e exclusivamente masculino, e as políticas de apartheid evitaram que a Austrália mandasse uma

¹⁷ Na lista de campeões mundiais disponível no site da entidade aparecem os vencedores individuais de 1980 e dos demais anos. Contudo, não há o resultado por equipes. Disponível em: <<https://www.isasurf.org/isa-world-champions>>. Acesso em 2 jun. 2016.

¹⁸ A menção à presença de “todas as grandes nações” indica que o Havá também compareceu.

equipe” (WARSHAW, 2003, p. 710-11).¹⁹ Thompson (2015) afirma que a equipe australiana boicotou o evento devido ao apartheid, mas apresenta uma avaliação distinta: “embora o Campeonato Mundial de 1978 tenha sido a última competição internacional organizada pela ISA em que os sul-africanos participaram até 1994, o governo da África do Sul usou este evento para ilustrar a competitividade esportiva internacional” do país (p. 111). Prossegue ele:

Após o Campeonato Mundial de 1978, em 1979 o Departamento [de Esporte] conferiu outros prêmios para o surfe sul-africano: a State President’s Sport Award de 1978 para Anthony Brodowicz por “surf-riding” e Basil Lomborg, presidente da SASA, recebeu o South African Sports Merits Awards de 1979, um prêmio para dirigentes esportivos (THOMPSON, 2015, p. 112).

Os premiados eram, respectivamente, o vencedor e o organizador do Campeonato Mundial. O órgão estatal já concedera prêmios ao surfista profissional Shaun Tomson, campeão mundial profissional de 1977. Segundo este, “na África do Sul, nós sempre fomos considerados atletas profissionais, por sorte evitando os estereótipos que cercam os surfistas aqui nos Estados Unidos” (TOMSON, MOSER, 2006, p. 13). Certamente o apoio estatal integrava e impulsionava tal reconhecimento. De acordo com Thompson, os relatórios anuais do Departamento de Esporte citavam o surfe como um exemplo de que a África do Sul tinha “amigos” internacionais e bom desempenho esportivo (THOMPSON, 2015, p. 112). Ou seja, o surfe era usado em documentos estatais como instrumento para minimizar tanto o boicote como os efeitos dele – um exemplo de uso explícito do esporte para fins políticos, e também das relações bastante próximas entre os campos. O campeonato de 1978 foi mobilizado politicamente pelo governo sul-africano: os investimentos estatais no surfe faziam parte de um projeto político; contudo, tal relação e o impulso e legitimidade que ela dava à modalidade no país não são considerados por *Surfing* uma intromissão da política do esporte. Embora a realização do campeonato tenha se devido em grande parte à iniciativa pessoal de um dirigente esportivo, realizou-se um evento “mundial” no país, em meados de 1978, quando o boicote esportivo já se encontrava bastante disseminado, e *Surfing* não considerou isto um fato político.

* * *

Um dos aspectos que dão relevância às coberturas dos campeonatos mundiais amadores é que elas são um dos raros momentos em que o papel de

¹⁹ A cobertura de *Surfing* afirma que o Campeonato Júnior foi realizado em um dia, o que sugere que o Campeonato Mundial durou mais do que isso.

dirigentes sul-africanos no comando e articulação do surfe internacional aparece. A principal ocasião se deu em 1980, pouco após a morte de Basil Lomborg:

O beijo da vida que ressuscitou o Campeonato Mundial em 1978 foi, em grande medida, resultado dos esforços e da visão de um homem – Basil Lomborg, da África do Sul – que dedicou imensas quantidades de tempo e despesas pessoais para reagrupar as entidades organizadoras nacionais que, no passado, haviam formado a Federação Internacional de Surfe (ISF). O novo órgão organizador, a Associação Internacional de Surfe (ISA), tinha o propósito expresso de fornecer aos surfistas amadores uma meta suprema: o título do Campeonato Mundial. Basil Lomborg morreu súbita e inesperadamente ano passado, e seu falecimento foi um golpe sério e triste para o órgão amador mundial que ele apoiou e cultivou com tanto entusiasmo. Não obstante, seu trabalho estabeleceu as fundações para a continuidade do Campeonato Mundial. E eis que o Campeonato Mundial foi realizado na França este ano, sob a direção da Federação Francesa de Surfe²⁰ (HOLMES, 1981, p. 62).

Destaco três pontos nesta citação. Primeiro, embora o texto não informe, como já dito, não houve Mundial após 1972. De acordo com o jornalista, o empenho pessoal do dirigente fora fundamental para que se organizasse uma nova entidade para governar o esporte amador. As responsabilidades assumidas por Lomborg ajudam a explicar que o campeonato de 1978 tenha sido realizado justamente na África do Sul. Segundo, o tom elogioso que é comum encontrar na imprensa – não só esportiva – quando alguma figura ou liderança pública morre. Terceiro, a construção textual que apresenta a competição de 1980, objeto da reportagem, como um desenvolvimento direto do trabalho de Lomborg. O recurso permite fazer tanto uma homenagem ao dirigente como uma breve contextualização da retomada do evento, algo recente e cuja viabilidade de repetição em intervalos regulares ainda era incerta. A matéria prossegue falando do campeonato em si:

Embora o evento tenha se beneficiado de boas ondas durante a maior parte, se realizado num ambiente de surfe magnífico (na melhor época do ano) e produzido um campeão mundial após uma sequência de etapas com julgamento adequado, não se pode dizer que o campeonato correu sem sua cota de controvérsia e

²⁰ The kiss of life that resurrected the World Contest in 1978 was largely a result of the efforts and vision of one man – Basil Lamberg of South Africa – who devoted vast amounts of personal time and expense to reunite the national surfing bodies that had once made up the International Surfing Federation. The new amateur world body, the International Surfing Association, had the express purpose of providing amateur surfers with a supreme aim – the World Championship title. Basil Lamberg died suddenly and unexpectedly last year, and his passing was a sad and serious blow to the world amateur body he had wholeheartedly supported and nurtured. Nevertheless, his efforts laid the groundwork for the continuation of the World Contest. So it was that the World Contest took place in France this year under the direction of the French Surfing Federation (HOLMES, 1981, p. 62).

problemas²¹ (HOLMES, 1981, p. 62).

Sobre “controvérsia e problemas”, o trecho, os dois parágrafos seguintes e aquele que encerra a reportagem usam termos genéricos (“fraquezas”, “incongruências organizativas” e “falhas”), sem deixar claro que problemas exatamente ocorreram e quem foi afetado por eles. (HOLMES, 1981, p. 63-4). O texto explicita que o julgamento fora bem feito durante a maior parte do tempo, algo significativo, pois eram comuns, à época, reclamações (de surfistas, mas também de dirigentes, técnicos, patrocinadores, empresários, repórteres etc.) quanto aos resultados das baterias, no surfe amador e no profissional. Uma série de fatores – que não cabe explorar aqui – provocavam tal situação.

Estariam as “controvérsias” relacionadas à ausência da África do Sul? É difícil saber. O país sediara o evento anterior e conquistara o título. Ou seja, a campeã estava impossibilitada de defender o título, o Mundial se realizava sem a presença de um país importante, e pouco após a morte de uma liderança crucial para reativar o campeonato. Imediatamente após destacar o papel de Lomborg, o texto fala em “controvérsia e problemas”, sem explicitar do que se trata. Apenas uma análise das rotinas produtivas poderia permitir saber se o tom vago resulta do que foi escrito pelo repórter e/ou do processo de edição, bem como os motivos para tal.

Antecedendo cada Mundial, houve debates, controvérsias e ameaças nas negociações entre as associações nacionais no que diz respeito à participação de algumas delas, em função da perspectiva de haver ou não comparecimento sul-africano. Aliás, tais negociações e escaramuças antecederam grande parte dos eventos que acabaram excluindo a participação sul-africana, o que mostra que a adesão ao boicote esteve longe de ser consensual e estável entre os governos nacionais e, mais ainda, entre os dirigentes esportivos. Pesquisas como as de Nauright (1997) e Booth (1998) incluem dezenas de exemplos, em distintas modalidades.

De acordo com Thompson (2015), a federação holandesa ameaçou boicotar o evento caso a África do Sul participasse. As congêneres da Grã-Bretanha e da Irlanda, por sua vez, asseguraram que compareceriam mesmo que seus governos nacionais, que advogavam o boicote, cortassem a verba para custear a viagem.²² A federação francesa titubeou nos meses anteriores ao evento, em dúvida sobre que posição tomar. Ao final, o governo francês negou-se a emitir vistos para os atletas

²¹ While the event enjoyed good waves for the most part, was located in a magnificent surfing environment (at the prime time of year), and produced a world champion in a sequence of adequately judged rounds, it could not be said that the contest ran without its share of controversy and problems (HOLMES, 1981, p. 62).

²² Nos resultados, *Surfing* listou apenas as três primeiras colocadas, o que não permite saber se Holanda e Irlanda compareceram. A Inglaterra participou, como afirma uma legenda da p. 63 (aparentemente, a revista utilizou Inglaterra como sinônimo de Grã-Bretanha).

da África do Sul viajarem e competirem. Numa decisão que não veio das organizações do surfe, mas do Estado francês, a seleção amadora sul-africana sofreu pela primeira vez os efeitos do boicote.

Ainda segundo Thompson (2015), durante o mundial, Tim Millward, então presidente da SASA, foi eleito um dos vice-presidentes da ISA, e escreveu que a associação não tinha problemas com a África do Sul – a causa da ausência fora o governo francês. Baron Stander (secretário da Natal Surfing Association), que viajou para a competição, afirmou em texto para *Zigzag* (revista de surfe sul-africana) que a ISA aprovara uma resolução determinando que, para um país sediar o Campeonato Mundial, deveria aceitar que os sul-africanos competissem.²³ Se não o fizesse, a sede seria trocada. *Surfing* não mencionou o assunto, assim como a ausência da equipe sul-africana – significativa, pelos motivos expostos e pela louvação de Lombert no início da reportagem.

* * *

A cobertura do campeonato de 1982, realizado na Austrália, ocupou um terço de página, tal como a de 1978 (SHARP, 1982, p. 28). A matéria apresenta como uma preocupação “de todos” saber se os EUA manteriam o título e se Tom Curren se provaria o melhor amador do mundo – na sequência, informa que ele disputara as categorias Junior e Open, vencendo a última. Ela dá bastante destaque à equipe dos EUA, à qual pertencia o autor – quarto colocado na final do *kneeboard* –²⁴, o que, em parte, talvez explique a ênfase na seleção do país (SURFING, 1983; SURFING, 1985; WARSHAW, on-line). A perda do título²⁵, além de reveladora da expectativa de vitória, é creditada à decisão da United States Surfing Federation (USSF) de levar dois surfistas de cada associação que a compunha, e não uma seleção com os melhores, independentemente da região de origem. O foco da maior parte do texto são as praias, as ondas e as baterias finais de cada categoria, com os respectivos resultados.

Seguindo os critérios de participação no surfe competitivo internacional, a matéria e a tabela com os resultados tratam o Haváí como uma equipe separada dos EUA. Houve por vezes intensa rivalidade entre ambas, como em 1984, quando os membros estiveram à beira de uma briga na areia durante a terceira etapa.

²³ Trata-se da única referência a tal decisão encontrada por mim até o momento. Esta evidência sugere o manancial de informações e questões que podem advir do acesso, no futuro, à documentação das federações.

²⁴ Sharp não figurava no expediente, mas passaria a fazê-lo oito meses depois, como estagiário. Em 1985, era editor-associado, o segundo cargo na hierarquia da redação. No fim da década, tornou-se editor da revista.

²⁵ O texto dá a entender que a Austrália ganhou por equipes, embora não diga isso claramente. A consulta a outras fontes mostra o país-sede como campeão.

Segundo o texto, isto se devera à postura dos havaianos que, já sem chances de conquistar o título por equipes, passaram a perseguir os americanos durante as baterias. No surfe profissional, os atletas havaianos competem como tais (e não como estadunidenses). No surfe amador, a Hawaiian Surfing Association (HSA) é uma das entidades regionais que constituem a USSF, de cujas competições os atletas participam. Contudo, quando se trata de eventos internacionais sob os auspícios da ISA, o Havaí envia uma seleção independente. Os campeonatos também contaram com participação de Porto Rico; “França B”; “EUA Continental”, “EUA Havaí”, Tahiti, Ilhas Francesas e França (CARTER, 1984b, p. 72; SURFING, 1990, p. 126).

As cambiantes representações nacionais, que variam de acordo com a modalidade esportiva e o tipo de competição, são um tema pouco explorado nos estudos do esporte.²⁶ Pesquisas específicas sobre competições como o Campeonato Mundial Amador também poderiam problematizar a classificação dos esportes como individuais ou coletivos, naturalizada em muitos trabalhos científicos. Embora se costume colocar o surfe entre os primeiros, o Campeonato é disputado por equipes, cada uma representando uma nação (aliás, o mesmo vale para competições de outras modalidades consideradas individuais, como a natação).

No que diz respeito à África do Sul, segundo Thompson, a Australian Surfing Association (ASA), responsável pela organização, “excluiu a equipe amadora sul-africana do Campeonato Mundial de Surfe 1982, realizado em Brisbane (...)” (THOMPSON, 2015 p. 114). Uma vez mais, a não participação sul-africana foi silenciada na cobertura de *Surfing*.

* * *

A cobertura de 1984 foi a mais extensa e mais crítica em relação ao próprio campeonato e aos organizadores (CARTER, 1984b). O Mundial foi realizado no Sul da Califórnia, em Oceanside, Ventura e Huntington Beach, localizadas, respectivamente, a cerca de 40, 200 e 75 quilômetros de San Clemente, onde se situava a redação de *Surfing*. (SURFING, 1984)²⁷ Ocorrido em praias e cidades costumeiramente objeto de atenção de *Surfing*, e organizado por dirigentes e

²⁶ Esporadicamente houve debate em torno do tema em *Surfing*, quase sempre através de cartas de leitores (por exemplo: SURFING, 1987, p. 24, 29). A cobertura do Mundial de 1988 referiu-se aos “havaianos, que por alguma razão ainda não consideram a si mesmos parte dos EUA”; o fato de os porto-riquenhos competirem separados dos EUA foi naturalizado (sem semelhante questionamento) (VARNES, 1988, p. 203).

²⁷ O pier de Oceanside fica a cerca de 40km de carro do Centro de San Clemente. As praias da cidade de Ventura, a cerca de 200km. E as de Huntington Beach, a aproximadamente 75km (Fonte: estimativas feitas por mim a partir de mapas do litoral da Califórnia e de ferramentas do site Google Maps). As principais autopistas que atualmente percorrem o litoral californiano já estavam em funcionamento nos anos 1980.

entidades pertencentes à rede de contatos da revista, o campeonato recebeu bastante destaque.

A matéria começa explicando a proposta de que o Mundial fosse disputado concomitantemente aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, para se apresentar o surfe aos dirigentes do COI e convencê-los a aceitá-lo na Olimpíada (CARTER, 1984b). Contudo, esta possibilidade de avanço rapidamente desaparece do texto, que passa a descrever diversos problemas de organização: o trabalho de Ian Cairns, dirigente contratado para organizar o evento, deixara a desejar; sua contratação fora feita em cima da hora, impedindo que houvesse tempo hábil para planejar adequadamente a competição; o patrocinador (cerveja Stroh's) demorara a assinar o contrato, provocando um atraso no cronograma por falta de recursos financeiros.

De acordo com o jornalista, “apesar de ser assolado por vários problemas organizacionais, o Campeonato Mundial ainda assim apresentou um leque impressionante de talentos do surfe amador internacional” oriundos de 14 países (CARTER, 1984b, p. 68). Lançando mão de um exemplo (o vencedor da final de uma das categorias não se sagrou campeão), o texto descreve o que considera um formato inovador e confuso de competição, os caminhos para chegar ao título e as categorias em disputa (homens, mulheres, júnior, *kneeboard* e equipes) (CARTER, 1984b, p. 70-1).

O evento durou oito dias. O alojamento durante a primeira etapa consistiu em barracas dentro da base militar de Camp Pendleton²⁸ – os participantes receberam inclusive roupas militares para vestir. A reportagem se refere ironicamente à “vila olímpica” e a compara a um acampamento de beduínos. Houve quem alugasse *trailers* (federação havaiana), pagasse por um quarto de hotel ou dormisse no próprio carro para escapar do alojamento oferecido pela organização (CARTER, 1984b, p. 68, 71).

Tal como em quase todos os campeonatos, as equipes com melhor desempenho foram Austrália, EUA e Havaí. Segundo a matéria, a seleção estadunidense tivera desfalques por vários motivos, um deles a suspensão de atletas por falsificação de notas escolares. Seguem-se novas críticas quanto à organização:

Ao final dos dois dias da perna de Ventura, todos haviam descoberto a luta interna pré-cancerosa que estava comprometendo a qualidade geral do Campeonato (...), a saber, uma luta por poder

²⁸ A base ocupa uma área superior a 500 quilômetros quadrados e toda a faixa litorânea entre Oceanside e San Clemente, que inclui ondas importantes como Trestles (INTRODUCTION, [s.d].). Um mapa oficial ilustrando a extensão da base está disponível em: <<http://www.mccscp.com/wp-content/uploads/2014/06/CampPenMap.png>>. Acesso em 28 jun. 2016.

e polarização ideológica entre Cairns e Dr. Couture da USSF²⁹ (CARTER, 1984b, p. 72).

Ele [o Campeonato Mundial] também falhou como um intercâmbio cultural, com a situação azedando quando a equipe dos EUA, através do técnico Chuck Allen, recusou-se a comparecer a uma cerimônia internacional de reinauguração do memorial Duke Kahanamoku na entrada do pier [de Huntington Beach]. O técnico americano ou havia ficado ofendido com as táticas competitivas dos havaianos ou estava se recusando a cooperar com o gesto cultural do Dr. Colin Couture devido a conflitos pessoais entre ambos³⁰ (CARTER, 1984b, p. 77).

Os dois trechos abordam rivalidades entre dirigentes envolvidos na organização (há outras menções à disputa entre Allen e Couture) e as apontam como fatores que prejudicaram o evento. O segundo trecho vai além, classificando-o como um fracasso do ponto de vista das trocas culturais – justamente o aspecto considerado mais valioso em reportagem já citada. Os motivos alegados para a ausência da equipe dos EUA na cerimônia variam entre retaliação a uma conduta considerada antidesportiva e mesquinhez (vingança pessoal). Seja como for, trata-se de uma homenagem em torno da estátua do havaiano celebrado ao redor do mundo como o pai do surfe, ao final de um Mundial realizado nos EUA. O tom melancólico retoma o tema inicial: “os dirigentes olímpicos, que haviam prometido comparecer a algumas das cerimônias no último dia, nunca deram as caras. Para sorte do surfe amador, eles não estavam lá para ver o esporte dar um imenso passo atrás” (CARTER, 1984b, p. 77).

A África do Sul foi novamente excluída “apesar do poder institucional que (...) tinha na ISA – Tim Millward, presidente da SASA, era também o diretor-executivo da ISA e havia sido escolhido como o diretor de competição da ISA para o evento californiano” (THOMPSON, 2015, p. 115). Silenciado na longa matéria, o assunto fora objeto de um editorial e de um artigo na edição de setembro de 1984, e de cartas comentando-os em edições subsequentes.³¹ O editorial posiciona-se contra a exclusão da África do Sul, considerada uma intrusão da política no esporte,

²⁹ By the final day of the two-day Ventura leg everyone had gotten wind of the precancerous political infighting which was compromising the overall quality of the World Contest (...), namely a power struggle and ideological polarization between Cairns and Dr. Couture of the USSF. (CARTER, 1984b, p. 72)

³⁰ It also failed as a cultural exchange, hitting a sour note when the U.S. team, per Coach Chuck Allen, refused to show up at an international ceremony for a rededication of the Duke Kahanamoku memorial at the entrance to the Pier. The American coach had either taken offense to the Hawaiian competitive tactics or was refusing to cooperate with Dr. Colin Couture's cultural gesture out of personal conflicts between the two (CARTER, 1984b, p. 77).

³¹ Levanto aqui uma hipótese: a cobertura no período antecedente ao evento propriamente dito tende a focar em aspectos políticos e em outros assuntos que não a questão propriamente competitiva (desempenho, resultados, avaliações sobre táticas etc.) por um motivo estrutural: a competição ainda não está ocorrendo. Na medida em que há a decisão editorial de tratar do evento, é preciso recorrer a outros elementos – e aí abre-se espaço para a discussão política. Desconheço trabalhos que discutam esta questão, que poderia representar um avanço para a pesquisa do esporte na Comunicação.

e compara-a ao boicote da URSS e países do Leste Europeu aos Jogos Olímpicos de Los Angeles (CARTER, 1984a). Já o artigo anuncia que “haverá a notável ausência da forte equipe da África do Sul, impossibilitada de competir devido a regras amadoras relativas à competição com governos que sancionavam o apartheid” (GEORGE, 1984, p. 80). Apesar da construção estranha e ambígua da frase, chamo a atenção para o raro uso da palavra apartheid.

Uma das cartas, de um dirigente da Eastern Surfing Association (ESA), contesta boa parte do editorial e do artigo, inclusive a versão de que a África do Sul não participaria devido a regras amadoras:

Presumivelmente ele (...) se refere a regras australianas (...). A USSF, de acordo com o presidente Couture, não reconhece tais regras. A África do Sul foi, sim, convidada para participar do evento. O presidente da South African Surfriders Association, Tim Millward, graciosa e generosamente declinou o convite porque a associação sentiu que sua presença poderia resultar em manifestações de natureza política, as quais tinham o risco de estragar o espírito positivo do Campeonato Mundial³² (HENNIGSEN, 1984, p. 13).

Discuto cinco pontos a partir deste trecho. Em primeiro lugar, a carta ignora o tema apartheid/boicote e nega qualquer relação entre este e a ausência da equipe sul-africana. Segundo, expressa a visão, compartilhada por muitos agentes envolvidos com o surfe, de que: a) esporte e política são campos distintos – no caso específico, contrapõe-se a afirmação de um “espírito positivo” supostamente inerente ao evento a uma visão negativa das manifestações políticas; e b) que qualquer ação considerada de natureza política significa uma intromissão indevida no âmbito esportivo. Tal ponto de vista é expresso com frequência por dirigentes esportivos, sobretudo no âmbito das federações internacionais. Booth (1998) e Nauright (1997) descrevem e analisam dezenas de exemplos em entidades de distintas modalidades esportivas e níveis (mundial/internacional, continental, nacional etc.). Evidentemente, o campo esportivo mantém sólidas e múltiplas relações com o universo da política e com o Estado – como, por exemplo, por conta do Mundial de 1978 –, o que não impede seus agentes de mobilizar tal discurso quando lhes é conveniente.

Terceiro, Millward era dirigente da SASA e ocupava um alto cargo na ISA e na organização do próprio campeonato. Ignoro em que medida ele era aliado da ESA e da USSF e/ou se a carta continha informações que foram cortadas na edição.

³² Presumably he (...) refer[s] to Australian rules (...). The USSF, according to President Couture, recognizes no such rules. South Africa was indeed invited to participate in this event. The South African Surfriders Association's President, Tim Millward, graciously and unselfishly declined the invitation because it was felt by his association that their presence might result in demonstrations of a political nature which could mar the positive spirit of the World Contest (HENNIGSEN, 1984, p. 13).

De qualquer forma, o tom respeitoso do elogio à atitude de Millward e o fato de que associações de surfe dos EUA estiveram entre os raros parceiros que ofereceram à SASA oportunidade de realizar competições internacionais entre 1976 e 1991, sugerem que sim.

Quarto, a revista contestou parte das afirmações da carta, mas não aquelas sobre o boicote. De qualquer forma, a divergência entre a carta e a versão apresentada por *Surfing* evidencia que, mesmo olhando-se uma única publicação, é possível chegar a explicações e narrativas razoavelmente distintas para um mesmo fenômeno. Isto aponta para a relevância de se ter em conta a seção de cartas: mesmo com as limitações que, por definição, existem neste espaço, trata-se de uma arena que permite a expressão de distintas vozes. Isto reforça o argumento desenvolvido por mim de que as revistas de surfe são simultaneamente agentes e arenas onde diversos agentes expressam suas posições (FORTES, 2011).

Quinto, o quanto as histórias do surfe e de sua mídia podem se beneficiar do acesso a arquivos das entidades esportivas – que, até onde sei, não foram objeto de pesquisa tanto nos EUA quanto na África do Sul, exceto por alguma correspondência utilizada por Laderman. Documentos como cartas trocadas entre as entidades e seus dirigentes; entre as entidades e outros agentes (governos nacionais, órgãos estatais nos diferentes níveis da administração, empresas e/ou patrocinadores), que podem estar guardados em arquivos das entidades esportivas ou de órgãos públicos são importantes para que se possa avançar em direção a narrativas mais completas e complexas da história da mídia esportiva e do surfe, que deem conta de suas diversas dimensões e privilegiem aspectos pouco explorados nos trabalhos existentes – salvo raras exceções, como as pesquisas de Booth (2001) e o debate entre ele e outros autores (BOOTH, 2012a; BOOTH, 2012b; JAGGARD, 2012; PHILLIPS, 2012; PHILLIPS, BOOTH e JAGGARD, 2012) –, como os âmbitos institucionais (clubes, associações, federações), os pontos de vista de treinadores, empresários e dirigentes, as relações políticas e internacionais etc.

Resta saber que acervos existem e, dentre estes, quais encontram-se disponíveis para pesquisa. Destarte, parece-me que os pesquisadores enfrentarão as dificuldades rotineiras quando se trata do acesso a associações esportivas (MELO et al., 2013), como enfrentei com a ISA. A entidade tem ainda a especificidade de ter mudado de “sede” diversas vezes ao longo dos anos – na prática, o presidente de uma federação nacional assumia a direção da ISA, mas continuava operando a partir das instalações da associação nacional –, o que provavelmente resulta numa documentação espalhada por diversos arquivos, cidades e países. E, na medida em que: 1) tais cargos não eram remunerados e a organização dependia dos esforços de indivíduos; 2) é improvável que as instituições nacionais contassem com espaço

físico adequado para o arquivamento de documentos; torna-se complicado saber que documentação existe, onde se localiza e se está acessível para pesquisa.

* * *

A cobertura do campeonato de 1986, realizado em Newquay (Grã-Bretanha), ocupou duas páginas (GRIGGS, 1987). A matéria destacou a existência de equipes de qualidade além das usuais (Austrália, EUA e Havai). O nome do certame, 1986 Quiksilver World Surfing Championships, evidencia o patrocínio de uma das principais empresas da indústria do surfe. Dois aspectos inter-relacionados aparecem: o crescimento e consolidação do evento, que se legitimava como a arena a reunir numerosos talentos amadores de diversos países (à exceção da África do Sul), tornando-se um espaço interessante para empresas que buscavam visibilidade e legitimidade na modalidade; e também o crescimento da própria indústria de *surfwear*, que, de empresas relativamente pequenas até princípios dos anos 1980, passa a contar com um punhado de empresas multinacionais com faturamento anual de centenas de milhões de dólares entre meados da década e a primeira metade da seguinte. A partir deste período, tais marcas e seus produtos – especialmente camisas e bermudas – se tornarão a referência de moda e os objetos de desejo de boa parte das crianças e jovens do sexo masculino de diversos países (FORTES, 2011; 2014). O público consumidor amplia-se significativamente, ultrapassando de longe o horizonte dos aficionados.

A matéria fala em 187 competidores de 20 países, enquanto a tabela com resultados lista 18 seleções (GRIGGS, 1987, p. 86). Uma vez mais, não houve referência à ausência sul-africana. O texto enfatiza a competição em si (desempenho, resultados, grau de justiça das notas dos juízes) e pouco aborda os aspectos organizacionais e políticos. Novamente recorro a Thompson, que trabalhou com fontes sul-africanas:

Robin de Kock, da SASA, cobriu o Campeonato Mundial de Surfe de 1986, realizado em setembro em Newquay, no Reino Unido, e forneceu uma indicação clara do estado de isolamento do surfe amador sul-africano e uma percepção do clima político internacional: “os Springboks estavam ausentes – de novo. Lamentavelmente, poucas equipes chegaram a sentir falta dos Boks (...) É terrível ser um desterrado – talvez exista uma ironia aí” (THOMPSON, 2015, p. 116).

O fato de que um dirigente de federação realizou a cobertura da competição para uma revista evidencia os múltiplos papéis desempenhados pelos indivíduos e as relações existentes dentro do surfe, diferenciando-o – e sua mídia – do que ocorre com a cobertura de modalidades consolidadas no cenário internacional

(como futebol e tênis). A menção à ironia pode ser articulada à política segregacionista do país, que promoveu “remoções forçadas de milhões de não-brancos” (NAURIGHT, 1997, p. 186). A partir da visão de um dirigente da SASA, o autor afirma:

Deste ponto de vista, pode-se argumentar que a posição da ISA [de proibir a participação sul-africana em competições] foi mais material e pragmática para manter seus membros, e para ficar numa posição boa aos olhos das outras federações esportivas internacionais, do que uma tomada de posição política contra o esporte na África do Sul³³ (THOMPSON, 2015, p. 116).³⁴

Adiante, o autor cita outra vez o dirigente da SASA, para quem o problema não eram as federações em si, mas o fato de elas receberem recursos dos respectivos governos nacionais e destes as pressionarem em favor do boicote. De qualquer forma, o argumento parece-me procedente, embora inexista acesso à documentação da ISA. Pelo que se pode inferir da narrativa de Thompson, em momento algum a SASA chegou a ser suspensa pela ISA, ao contrário do que ocorreu em muitas modalidades.

* * *

Antes de seu início, o Mundial de 1988 foi objeto de um editorial criticando o critério das seletivas para a equipe dos EUA, pois Kelly Slater, considerado pela publicação o melhor amador do país, ficara de fora. O editorial comparava a situação com a do tênis: “John McEnroe e Jimmy Connors não ganham todos os jogos que disputam, mas haveria uma hecatombe se ao menos um deles – por causa dos resultados passados – não fosse escolhido para representar os EUA na Copa Davis” (VARNES, 1988, p. 48, 50). O tênis foi o esporte mais usado como referência de comparação nas páginas das revistas de surfe da época (excluindo os esportes diretamente ligados a ele, como skate, *bodyboarding* e *snowboard*). Parece-me que isto se explica pela popularidade³⁵ da modalidade no país, pela presença na televisão aberta e por haver, ao longo do século XX, ídolos do país entre os melhores do mundo. No caso específico desta menção, há ainda a coincidência de serem os eventos competições de seleções em esportes majoritariamente vistos como individuais e cujas atenções são dominadas pelos respectivos circuitos profissionais. Adiante, uma nota afirma que o evento estava “programado para fevereiro em Porto Rico”, onde atletas “de nações surfísticas

³³ A meu ver, seria mais adequado dizer *contra o apartheid no esporte na África do Sul*.

³⁴ Acredito que a busca de inclusão nos Jogos Olímpicos tenha contribuído para a postura da ISA.

³⁵ Em termos de praticantes e de espectadores (em quadras e pela televisão).

emergentes” poderiam ameaçar a hegemonia das três potências. O editor estava otimista quanto à quantidade de países e participantes: “espera-se uma invasão de centenas de surfistas de mais de trinta países (...), e os promotores estão contando o campeonato (...) como o maior já realizado” (VARNES, 1988, p. 60).

A página dupla abrindo as dez dedicadas ao Mundial, que durou 11 dias, estampou o brasileiro Fabio Gouveia, vencedor da categoria Open (VARNES, 1988). Outra foto mostrava a equipe australiana comemorando o título. O parágrafo inicial sintetiza a cobertura: “competição atlética, boa vontade, patriotismo, política e espírito esportivo se fundiram no evento principal do surfe amador, de uma forma nunca vista antes nos círculos surfísticos, (...) comumente associada com atividades de nível olímpico” (VARNES, 1988, p. 133). Os elogios se estenderam ao “presidente da Puerto Rican Surfing Federation (PRSF) e (...) da International Surfing Association” pelos patrocinadores conquistados de empresas do surfe (G&S – Gordon & Smith) e de fora do esporte (Bacardi, Coca-Cola, Suzuki), além do “apoio financeiro de seis dígitos em troca do patrocínio no nome do evento – *The 1988 Budweiser World Surfing Titles*” (VARNES, 1988, p. 134).

Tais recursos somaram-se ao apoio do governo porto-riquenho, que “se ofereceu para fornecer alimentação, alojamento e segurança aos competidores”. Por ocasião da cerimônia de abertura, “(...) prefeitos e os principais líderes políticos do país compareceram para dar boas-vindas aos competidores”. De acordo com o texto, “não foi um campeonato de surfe – foi uma invasão” de 400 surfistas de 26 países. O “fervor sem igual nos anais do surfe competitivo” com o qual os porto-riquenhos se dedicaram garantiu que o “evento fosse um sucesso” (VARNES, 1988, p. 134). Ainda entre as palavras positivas a respeito da organização, houve elogios à presença de público (“multidões variando entre 20.000 e 40.000 pessoas lotaram o campeonato a cada dia”, com 50.000 no último dia, quando foi disputada a final de cada categoria) e à programação noturna (com show da banda Ramones, festas e disputadas partidas de sinuca em mesas de bar).

Houve críticas ao comportamento dos atletas da equipe dos EUA – em menor quantidade e tom mais ameno que em anos anteriores. A matéria destacou o desempenho da equipe brasileira, pela primeira vez elencada entre as candidatas ao título (VARNES, 1988).

Surfing dedicou bastante espaço ao evento, considerando-se seus parâmetros à época: somando-se a matéria e a entrevista com Chris Brown, vencedor da categoria Júnior, foram mais de dez páginas inteiras de cobertura, realizada por quatro profissionais (dois de texto e dois fotógrafos). Mesmo com tais recursos, o padrão de silenciamento sobre a ausência da África do Sul se manteve. Apesar do parágrafo inicial da reportagem, as menções à política limitaram-se aos

trechos citados: apoio governamental e presença de autoridades na cerimônia de abertura – novamente, com elogios.

* * *

O Japão sediou o Mundial de 1990, que recebeu seis páginas de cobertura (CALLAHAN, 1990). Como de costume, a matéria se concentrou no resultado das etapas (o campeonato continuava sendo disputado em três etapas preliminares e uma final), vencedores, pontuação por equipes, condições das ondas etc. Elogiou o desempenho de alguns “brasileiros desconhecidos” e do técnico da seleção (Avelino Bastos) e destacou a participação de Kelly Slater. Houve menções a festas organizadas pelos anfitriões e ao notável consumo de cerveja dos australianos. O texto ressaltou o esforço dos membros da equipe dos EUA, que, ao final, foram derrotados pelos australianos (novamente campeões por equipes) e não venceram categoria alguma. O resultado final lista 16 equipes (SURFING, 1990). Nenhuma palavra foi dita sobre a falta da África do Sul.

Considerações finais

Este trabalho analisou a cobertura dos Campeonatos Mundiais de Surfe Amador realizados entre 1978 e 1990. Quanto ao primeiro objetivo, as coberturas enfatizam os aspectos efetivamente competitivos, como as condições do mar, o talento e o desempenho dos atletas e das equipes e o desenvolvimento das competições (quem passava de fase, quem se mostrava um potencial campeão, quais os prognósticos e chances de título individual e por equipes). Um recurso comum foi a ênfase em expectativas em relação ao desempenho da equipe norte-americana e de algum membro considerado particularmente promissor (durante o período analisado, Tom Curren e Kelly Slater). *Surfing* circulava em dezenas de países, mas era produzida nos EUA, majoritariamente por norte-americanos (com contribuição de sul-africanos, australianos e britânicos) e para leitores norte-americanos, o que explica a atenção dispensada à seleção do país. Ademais, a proximidade parece ter sido um fator quanto à extensão da cobertura: as maiores foram nos eventos realizados nos EUA (1984 e 1988).

No que diz respeito ao segundo objetivo, na maioria dos casos a ausência da África do Sul foi silenciada. As raras menções à não participação se deram quase sempre antes dos eventos; exceto em um caso (1984), foram curtíssimas. A palavra apartheid foi utilizada uma única vez e não se escreveu nenhum parágrafo buscando contextualizar a situação.

A ênfase nos aspectos competitivos e o pouco destaque dado às relações políticas prévias à realização de cada edição da competição – que, afinal, determinavam a exclusão da seleção sul-africana – foram um traço geral da cobertura. Mesmo quando se dedicou espaço razoável à organização e mencionou explicitamente questões políticas (em 1984 e 1988), manteve-se a escolha editorial de silenciar o caso sul-africano. Houve críticas à relação entre esporte e política quando se abordou o boicote, mas o apoio governamental aos campeonatos geralmente recebeu elogios.

O foco nos aspectos estritamente ligados ao desempenho aproxima a cobertura de *Surfing* daquela que o jornalismo em geral realiza ao cobrir certames esportivos.³⁶ A exceção foi a cobertura do Mundial de 1984, que destacou negativamente atritos entre dirigentes dos Estados Unidos, apontados como causa principal dos problemas na competição.

Por ora, estou trabalhando com a hipótese geral de que a relevância da África do Sul no cenário internacional do surfe seja um fator explicativo para a postura adotada pela maior parte dos agentes da modalidade, que se opuseram ao boicote. O país tinha grande peso, sob vários aspectos, alguns dos quais foram abordados neste artigo: dirigentes e entidades participavam ativamente da organização do surfe profissional e amador; atletas sul-africanos se destacavam em competições – alguns, como os primos Michael e Shaun Tomson, tornaram-se ídolos mundiais do esporte (ambos, aliás, contribuíam com *Surfing*; o primeiro trabalhou para ela por anos); os campeonatos lá realizados compunham parte relevante do circuito mundial profissional (em termos de prêmios em dinheiro, pontos para o ranking e boas ondas); empresas nele sediadas patrocinavam atletas e competições; o mercado sul-africano era importante para as multinacionais do surfe; o extenso litoral proporcionava ondas de qualidade, muitas então inexploradas ou pouco exploradas – algumas destas ondas são altamente valorizadas na subcultura do surfe, ao menos desde a apresentação elogiosa de Cape St. Francis como a onda *perfeita* no filme *The Endless Summer*, de Bruce Brown, na primeira metade dos anos 1960. Conforme sintetizou um escritor, “na África do Sul encontra-se a mais antiga e bem estabelecida cultura do surfe fora dos EUA e da Austrália” (WARSHAW, 2003, p. 552-554). Contudo, como tal relevância se desdobra em múltiplos aspectos, e como *Surfing* raramente se posicionou de maneira explícita sobre o assunto, apenas ao final da pesquisa será possível fazer afirmações a respeito do período como um todo.

O espaço relativamente pequeno para a cobertura sistematizada do surfe

³⁶ Contudo, desconheço trabalhos que privilegiam a investigação desta questão e permitam sustentar tal afirmação. Trata-se, portanto, de uma impressão.

amador na revista talvez seja uma das razões para haver poucas referências diretas ao apartheid. Pelo que sugerem os dados e a bibliografia trabalhados até o momento, o boicote no surfe amador foi mais amplo do que no surfe profissional.³⁷

Por fim, o artigo aponta para um aspecto ignorado pela bibliografia que lida com o surfe e o boicote esportivo à África do Sul: o papel dos dirigentes sul-africanos nas entidades internacionais. Pelos dados analisados até o momento, parece que mesmo entre os agentes que reivindicavam o boicote, não se advogou a suspensão ou expulsão de entidades e dirigentes sul-africanos dos âmbitos organizativos do surfe amador e profissional – e, caso se tenha advogado, a posição não obteve sucesso. O protagonismo de Basil Lomborg na criação da ISA e na reestruturação do Campeonato Mundial de Surfe Amador sugerem que, considerando as dificuldades estruturais de organização do surfe amador competitivo em escala internacional e outras características do surfe durante os anos 1970, era impensável a exclusão do país. Portanto, por ora, tais dificuldades, bem como o peso relativo da África do Sul (como já apontado) e o lugar relevante ocupado por seus dirigentes parecem ser fatores explicativos importantes para a falta de consenso em torno do boicote, ainda que, na prática, o país tenha ficado fora dos campeonatos realizados entre 1980 e 1992.

Referências bibliográficas

BOOTH, Douglas. **Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf.** London: Frank Cass, 2001.

BOOTH, Douglas. O lado obscuro do salvamento no mar. **Recordre:** Revista de História do Esporte, v. 5, n. 2, p. 1-13, jul.-dez. 2012a.

BOOTH, Douglas. (Re)reading The Surfers' Bible: The affects of Tracks. **Continuum:** Journal of Media & Cultural Studies, v. 22, n. 1, p. 17-35, February 2008.

BOOTH, Douglas. **The Race Game: Sport and Politics in South Africa.** London: Frank Cass, 1998.

BOOTH, Douglas. Um enredo trágico? Uma resposta para Jaggard e Phillips. **Recordre:** Revista de História do Esporte, v. 5, n. 2, p. 1-11, jul.-dez. 2012b.

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte: uma história do skate no Brasil.** Blumenau: Edifurb, 2014.

FORTES, Rafael. Entre o surfe feminino, a indústria de *surfwear* e a promoção da África do Sul: uma análise de *A Onda dos Sonhos 2*. In: FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de (org.). **Comunicação e esporte: reflexões a partir do cinema.** Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2014. p. 49-70.

³⁷ Contudo, nenhum dos autores faz tal afirmação/comparação de forma explícita.

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia**: esporte, juventude e cultura. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

JAGGARD, Ed. Escrevendo a história do salvamento no mar na Austrália. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, p. 1-15, jul.-dez. 2012.

LADERMAN, Scott. **Empire In Waves**: A Political History of Surfing. Berkeley: University of California Press, 2014.

LUCA, Tania Regina de. História do, no e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-53.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Mauricio; FORTES, Rafael; SANTOS, João M. C. Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

NAURIGHT, John. **Sport, cultures and identities in South Africa**. London: Leicester University Press, 1997.

PHILLIPS, Murray G. Uma avaliação crítica da narrativa na história do esporte: lendo o debate sobre o salvamento no mar. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, p. 1-26, jul.-dez. 2012.

PHILLIPS, Murray G.; BOOTH, Douglas; JAGGARD, Ed. Analisando divergências na história do esporte: o debate sobre o salvamento no mar. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, p. 1-10, jul.-dez. 2012.

THOMPSON, Glen. Surfing, Gender and Politics: **Identity and Society in the History of South African Surfing Culture in the Twentieth-Century**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Stellenbosch University, Stellenbosch, 2015.

Outras referências

50TH Anniversary ISA History. **ISASurf.org**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.isasurf.org/isa-info/history-of-the-isa>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

AT Random. **Surfing**, v. 16, n. 10, out. 1980, p. 27.

CALLAHAN, John. 1990 World Amateur Championships. **Surfing**, v. 26, n. 9, set. 1990, p. 152-6, 158.

CARTER, Chris. Inside. **Surfing**, v. 20, n. 9, set. 1984a, p. 5.

_____. The 1984 World Contest. **Surfing**, v. 20, n. 11, nov. 1984, p. 68-77.

GEORGE, Sam. World Contest Preview. **Surfing**, v. 20, n. 9, set. 1984, p. 80.

GRIGGS, Meg. Sainsbury Wins World Contest. **Surfing**, v. 23, n. 2, fev. 1987, p. 35-6.

HENNIGSEN, Kit. Letters. **Surfing**, v. 20, n. 11, nov. 1984, p. 13.

HOLMES, Paul. World Contest. **Surfing**, v. 17, n. 3, mar. 1981, p. 62.

INTRODUCTION to Camp Pendleton. Disponível em: <<http://www.pendleton.marines.mil/About/Introduction.aspx>>. Acesso em 19 jul.

2017.

IOC approves five new sports for Olympic Games Tokyo 2020. **Olympic**, 2016. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/ioc-approves-five-new-sports-for-olympic-games-tokyo-2020>>. Acesso em 28 ago. 2016.

MÍDIAS de surfe. Direção: Rafael Mellin. In: **70 & Tal** (série). Canal Off, 2014. 30 min.

PIERSON, Daniel. RIP Surfing Magazine (1964-2017). **Surflines**, Jan. 25, 2017. Disponível em: <http://www.surflines.com/surf-news/matt-warshaw-weighs-in-on-the-end-of-an-era-rip-surfing-magazine-1974-2017_144865/>

RARICK, Randy. IPS Report. **Surfing**, v. 13, n. 3, jun.-jul. 1977, p. 21.

SHARP, Bill. Curren Cops World Title. **Surfing**, v. 18, n. 12, dez. 1982, p. 28.

SURFING, v. 12, n. 4, ago.-set. 1976, p. 118.

_____, v. 14, n. 5, out.-nov. 1978, p. 34.

_____, v. 18, n. 5, mai. 1982, p. 12

_____, v. 19, n. 10, out. 1983.

_____, v. 20, n. 1, jan. 1984, p. 25.

_____, v. 21, n. 4, abr. 1985.

_____, v. 23, n. 4, abr. 1987, p. 24, 29.

_____, v. 26, n. 9, set. 1990, p. 126.

TOMSON, Shaun; MOSER, Patrick. **Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding Through Life**. Salt Lake City: Gibbs Smith, 2006.

VARNES, Mitch. Caribbean Surfers Ready for World Contest. **Surfing**, v. 24, n. 4, abr. 1988, p. 60.

_____. Editorial. **Surfing**, v. 24, n. 4, abr. 1988, p. 48.

_____. Greatest Show on Earth. **Surfing**, v. 24, n. 7, jul. 1988, p. 130-7; 203.

_____. Puerto Rican to Head ISA. **Surfing**, v. 24, n. 7, jul. 1988, p. 85.

WARSHAW, Matt. **The Encyclopedia of Surfing**. Orlando: Harcourt, 2003.

_____. **Encyclopedia of Surfing**. On-line. Disponível em:

<<http://encyclopediaofsurfing.com>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

WORLD Contest Relaunched. **Surfing**, v. 14, n. 6, dez. 1978-jan. 1979, p. 31.